

Aspectos emocionais na educação:

O trabalho pedagógico na construção de valores e a dimensão afetiva no espaço escolar.



Márcio Donizeti Pereira
Edjane Ângelo de Barros
Paulo Ângelo de Barros

Editora 
PINDORAMA

Aspectos emocionais na educação:

O trabalho pedagógico na construção de valores e a dimensão afetiva no espaço escolar.

**Marcio Donizeti Pereira
Edjane Ângelo de Barros
Paulo Ângelo de Barros**

Aspectos emocionais na educação:

O trabalho pedagógico na construção de valores e a dimensão afetiva no espaço escolar.

Birigui – SP
Editora Pindorama
2020

CRÉDITOS

Autor:

Marcio Donizeti Pereira
Edjane Ângelo de Barros
Paulo Ângelo de Barros

Direção geral:

Luciene Auxiliadora da Silva Brissi

Conselho Editorial:

Deidimar Alves Brissi
Luciene Auxiliadora da Silva Brissi

Diagramação:

Beatriz do Nascimento Sato

Capa:

Beatriz do Nascimento Sato

Editora Pindorama

CNPJ 23.107.557/0001-21

www.editorapindorama.com.br

www.girafaamarela.com.br

www.facebook.com/editorapindorama/

atendimento@editorapindorama.com.br

Ficha catalográfica elaborada pela Editora Pindorama

P319a

PEREIRA, Marcio Donizeti.

Aspectos emocionais na educação: O trabalho pedagógico na construção de valores e a dimensão afetiva no espaço escolar/ PEREIRA, Marcio Donizete; BARROS, Edjane Ângelo de; BARROS, Paulo Ângelo de. – Birigui:

Editora Pindorama, 2020.

ISBN 978-659902806-9

1. Educação 2. Psicopedagogia 3. Inteligência emocional
I. Título. II. PEREIRA, Marcio Donizete;

CDU: 37.013.77

CDD: 370.15

Sobre os autores

Marcio Donizeti Pereira: Graduado no curso de Licenciatura em Física pelo Instituto de Física (IF-USP) da Universidade de São Paulo (USP). Possui curso na modalidade de aperfeiçoamento em Astronomia pelo Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas (IAG - USP) da Universidade de São Paulo. Pós-graduação em formação de Professores com ênfase no magistério superior pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP). É Mestre em Ensino de Física pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) com a dissertação intitulada Estudo da poluição sonora por estudantes de ensino médio usando smartphone. Atualmente é aluno do curso de graduação em Pedagogia pela Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP). É professor efetivo da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo na escola de Vila Olinda II e professor efetivo do Centro Paula Souza na ETEC do Jardim Ângela e na ETEC Uirapuru. Têm interesse no estudo de metodologias alternativas para o ensino de física, produção e análise de materiais didáticos para o ensino de física, pesquisas sobre didática e métodos de avaliação no ensino de física e formação inicial e continuada de professores.

Edjane Ângelo de Barros: Estudante de ciências biológicas do Instituto Federal de Ciência, tecnologia e educação de São Paulo - Campus São Roque (IFSP). Atuou por certo período, como professora eventual da Secretária de Educação do Estado de São Paulo. Atualmente desenvolve atividades na secretaria da mulher da prefeitura de Cotia- SP.

Paulo Ângelo de Barros: Possui graduação em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Atualmente é Professor de Educação básica II da Secretária de Educação do Estado de São Paulo. Tem experiência na área de História.

Dedicatória

Esse e-book é uma homenagem póstuma ao nosso querido amigo Mauro Leal.

Mauro Leal foi fundador e diretor do cursinho Interage e infelizmente foi uma das vítimas da pandemia de Coronavírus que afeta a população mundial.

Nada mais justo que fazer uma homenagem a esse querido amigo em um e-book em uma editora que procura publicar livros para um mundo melhor.

Mauro Leal foi um cidadão que lutou pelo direito a educação de qualidade e sempre procurou ajudar as famílias com menos recursos financeiros com a concessão de bolsas de estudos parciais ou integrais. Durante o período em que esteve à frente do cursinho possibilitou a aprovação de aproximadamente 90% dos alunos nas melhores escolas técnicas de São Paulo e transformou a matrícula do cursinho em uma grande campanha de solidariedade a amor ao próximo.

Mauro Leal foi o fundador da campanha fome zero do cursinho interage. Essa campanha possibilitou aos alunos substituírem o valor da matrícula do cursinho por 10 Kg de alimentos não perecíveis. Esses alimentos foram doados para instituições de caridades que atendem crianças em estado de abandono ou que fazem algum tipo de tratamento médico.

Diante desses fatos e de tantos outros podemos afirmar que Mauro Leal foi um cidadão, pois ser cidadão é ter direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei: ter direitos civis. É também participar no destino da sociedade, votar, ser votado, ter direitos políticos. Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais, aqueles que garantem a participação do indivíduo na riqueza coletiva: o direito à educação, ao trabalho justo, à saúde, a uma velhice tranquila.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. O PAPEL DAS EMOÇÕES NO DESENVOLVIMENTO DA PESSOA – WALLON	15
3. A IMPORTÂNCIA DE NÃO SEPARAR A DIMENSÃO AFETIVA DA COGNITIVA – VISÃO DE VYGOTSKY	17
4. A SOCIALIZAÇÃO INFANTIL E O DESENVOLVIMENTO SAUDÁVEL	19
5. MEDIAÇÕES PEDAGÓGICAS E O USO DA TECNOLOGIA	20
6. DIFICULDADE DE APRENDIZADO E SOCIALIZAÇÃO DOS ALUNOS NO PRIMEIRO ANO ESCOLAR	21
7. SITUAÇÃO / PROBLEMA	23
8. JUSTIFICATIVA.....	24
9. COMO AGIR NAS DIFICULDADES	25
10. COMO ENSINAR HABILIDADES ESCOLARES AOS NOSSOS AUTISTAS	26
11. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
12. REFERÊNCIAS	28

1. Introdução

Educação e tecnologia deveriam ser sinônimas de aprendizagem em uma sociedade moderna, contudo, não parece acontecer no ambiente escolar, *ambiente escolar público* para ser mais objetivo.

Não por falta de acesso dos alunos às tecnologias já que, de acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), 58,2% dos estudantes do sistema público frequenta escolas com laboratório de informática e, segundo o Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (Cetic), 52% das escolas utilizam o aparelho celular em atividades com os alunos.

Contudo, mesmo diante destes dados, muitas escolas encontram dificuldades na utilização das tecnologias de forma pedagógica, pois, na contramão do desenvolvimento, o mundo que os estudantes vivenciam fora dos portões da escola lhes proporciona, muitas vezes, respostas prontas ou de fácil acesso, sem que lhes cobre um raciocínio mais apurado.

Há laboratórios de informática em 81% das escolas públicas, mas somente 59% são usados, o número de professores que utilizam a internet em atividades com os alunos cresceu de 39% para 49%, mas a baixa velocidade da conexão ainda é um desafio para as públicas, segundo pesquisa feita pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic).

A tecnologia não deve ser o fim, todavia, certamente deverá ser o meio para tornar o processo de educar mais eficiente, efetivo, eficaz, sem perder o foco no que realmente importa: a aprendizagem.

A educação assistida não utiliza a tecnologia para melhorar a aprendizagem, mas simplesmente transpõe o ensino tradicional para uma interface de computador. Por outro lado, a aprendizagem baseada em computador, utiliza-o como uma ferramenta para treinar as habilidades de pensamento de nível superior.

A tecnologia na sala de aula precisa ser compreendida como um meio, como um recurso que amplifica que potencializa a aprendizagem. Essa compreensão da tecnologia como meio só se fortalecerá quando nossos dirigentes ou as pessoas que pensam a educação nas esferas públicas entender que alunos e professores não são meros consumidores de tecnologia, mas, também, produtores dela.

Trabalhar o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança no ambiente escolar cobra-nos uma compreensão, a princípio, do próprio desenvolvimento cognitivo mental da criança. Como aborda MACEDO (2017) ao citar a elasticidade do cérebro que permite que a criança aprenda uma nova atividade de forma direta e que, ao deixar de praticar esta nova atividade, o

cérebro volte sua energia para outra atividade, ou seja, essa elasticidade é o uso da capacidade cerebral para o aprendizado.

Aborda também que é na infância que o metabolismo cerebral se desenvolve, criando janelas de oportunidades para desenvolverem o aprendizado de algo novo por meio do “toque”, por exemplo.

Tais interações permitem desenvolver a empatia com outras pessoas e a lidarem com as questões sócio emocionais, o que não ocorre, segundo o autor, com atividades virtuais como jogos de videogames, já que este propicia apenas uma experiência visual espacial bidimensional.

Transportar a tecnologia para o ambiente escolar suscita questões culturais, sociais, mas principalmente comportamentais. É necessário um olhar diferenciado sobre a própria tecnologia, afinal, poupamos nosso cérebro do acúmulo de informações, porém, deixamos de “usá-lo” pela acomodação que a mesma cria e nos condicionamos a dependermos dela, por isso, como já citado, a tecnologia na sala de aula precisa ser compreendida como um meio, como um recurso que auxilia, amplifica, potencializa a aprendizagem, que seja uma ferramenta na busca do aprender, do apreender e do internalizar.

O cérebro necessita de atividades para que se desenvolva e sobrecarregá-lo não implica em aprendizado e não incitá-lo dificulta a mesma. A prática da leitura e escrita possibilita, assim como outras atividades físicas, desenvolvermos mais que o simples aprendizado acadêmico e passamos também a desenvolvermos o sócio emocional.

Para MACEDO e colaboradores (2010), mesmo as crianças com dificuldades na leitura e escrita, podem desenvolver-se em outras áreas do conhecimento. É fundamental destacar que as áreas de interesse da criança devem ser estimuladas para desenvolver a autoestima da criança e o professor é o responsável em reforçar e auxiliar a criança a vencer suas limitações.

Buscar a socialização da criança no ambiente escolar é fundamental no processo ensino aprendizagem, o que nos faz pensar no emocional da criança dentro do ambiente citado.

Segundo Wallon, as transformações fisiológicas em uma criança revelam traços importantes de caráter e personalidade. “A emoção é altamente orgânica, altera a respiração, os batimentos cardíacos e até o tônus muscular, tem momentos de tensão e distensão que ajudam o ser humano a se conhecer”.

A raiva, a alegria, o medo, a tristeza e os sentimentos mais profundos ganham função relevante na relação da criança com o meio.

A afetividade, o movimento, a construção do conhecimento por meio das interações e a própria construção do “eu” por meio das relações com outros ajudam no aprendizado da criança.

O ambiente escolar tornou-se, realmente, a “segunda casa” da criança e para muitas a única e, por isso, cabe ao professor observar atentamente o comportamento dela. Claro que o

professor não é um especialista em saúde mental, todavia, é necessário que procure “se educar” para perceber os sintomas básicos apresentados por um aluno e encaminhá-lo ao especialista.

Além disso, precisamos englobar no processo ensino aprendizagem as famílias dos alunos por ser o centro de apoio dos mesmos. Mantê-los informados das ações pedagógicas de forma clara e objetiva, poupando-os de informações ineficazes, longas e sem objetivos.

A definição dessas informações, a transmissão sucinta, a busca pela “economia” do tempo, a clara compreensão dos funcionários sobre o processo pedagógico e o uso do veículo de comunicação correto facilitam o trabalho dos envolvidos no processo.

Para DE SOUSA SOARES (2016) a comunicação entre as partes envolvidas é crucial para bom desempenho e desenvolvimento de todos, afinal, a educação é um ato de comunicar o que se sabe e o que se pode aprender, uma vez que a comunicação, enquanto fato social é um dos elementos que constituem o processo educacional e enquanto conjunto de procedimentos para a conexão entre as pessoas trata-se de um eixo transversal na prática educacional entre professores e alunos. O diálogo entre a Educação e a Comunicação se torna necessário por mostrar-se mais adequado no atendimento às necessidades de educadores e principalmente dos alunos.

2. O papel das emoções no desenvolvimento da pessoa - Wallon

Para Henri Wallon as emoções têm o papel fundamental no desenvolvimento da pessoa, pois é por meio delas que o aluno expõe seus desejos e vontades, um universo importante e perceptível, mas pouco estimulado pelos modelos tradicionais de ensino. Wallon foi o primeiro a levar não só o corpo da criança para dentro da sala de aula, mas também suas emoções.

Para DANTAS (1992) que é professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP) e uma estudiosa da obra de Wallon, a raiva, a alegria, o medo, a tristeza e os sentimentos mais profundos e ganham função relevante na relação da criança com o meio que ela convive.

Wallon fundamentou suas ideias em quatro elementos básicos que se comunicam o tempo todo: a afetividade, o movimento, a inteligência e a formação do eu como pessoa.

Afetividade - Para GALVÃO (1998) a emoção causa impacto no outro e tende a se propagar no meio social. Ela ainda nos diz que a afetividade é um dos principais elementos do desenvolvimento humano.

Movimento - Wallon considera que as emoções dependem fundamentalmente da organização dos espaços para se manifestarem. Segundo sua teoria, a motricidade tem caráter pedagógico, tanto pelo gesto e movimento quanto por sua representação. Estudos realizados por Wallon com crianças entre 6 e 9 anos mostram que o desenvolvimento da inteligência depende essencialmente de como cada uma faz as diferenciações com a realidade exterior. Primeiro porque, ao mesmo tempo, suas ideias são lineares e se misturam – ocasionando um conflito permanente entre dois mundos, o interior, povoado de sonhos e fantasias, e o real, cheio de símbolos, códigos e valores sociais e culturais.

Nesse conflito entre situações antagônicas, ganha sempre a criança. É na solução dos confrontos que a inteligência evolui.

Inteligência - Considerando que o sujeito constrói-se nas suas interações com o meio, Wallon propõe o estudo contextualizado das condutas infantis. Isso quer dizer que para compreender a criança e seu comportamento, é necessário levar em conta aspectos de seu contexto social, familiar, cultural. Será a relação entre as possibilidades da criança em cada fase / estágio e as condições oferecidas pelo seu meio que atingirão o desenvolvimento.

Formação do eu como pessoa - A construção do eu na teoria de Wallon depende essencialmente do outro. Seja para ser referência, seja para ser negado.

Ainda na vida intra-uterina, mesmo ainda tão pequeno e dependente do outro para a sua própria autoconstrução.

Wallon indica que desde o início da vida, na formação uterina do ser humano, há uma dualidade da criança e das suas condições de existência. Essa dualidade está ligada ao fato de a criança ser, ao mesmo tempo e progressivamente capaz de reagir por conta própria em diferentes situações e à estímulos igualmente diversos e, ao mesmo tempo, depende vitalmente de sua mãe.

Com o nascimento, uma primeira cisão mãe-bebê é experimentada. A criança tem agora que desenvolver autonomia respiratória. Todas as suas outras necessidades dependem estreitamente da mãe ou de quem se ocupa dos cuidados com a criança. Os movimentos e gritos do recém-nascido, inicialmente desordenados, parecem ainda não ter uma utilidade que resulte em bem-estar. O recém-nascido não se percebe como indivíduo diferenciado. Mistura-se a sensibilidade do ambiente. A diferenciação entre o eu e o outro só se dará progressivamente, a partir das interações sociais.

No bebê os estados afetivos são vividos como sensações corporais, expressos pelas emoções. Só com a aquisição da linguagem diversificam-se as possibilidades de expressar as emoções, bem como os motivos que as originam.

3. A importância de não separar a dimensão afetiva da cognitiva - Visão de Vygotsky

Segundo LEITE (2015) para Vygotsky, as primeiras manifestações de emoção partem da herança biológica somado à outras funções psicológicas. Nas interações sociais, ela perde seu caráter instintivo para dar lugar a um nível mais complexo de atuação do ser humano, consciente e autodeterminado. Para Vygotsky, a criança incorpora instrumentos culturais através da linguagem e que, portanto, os processos psicológicos afetivos e cognitivos da criança são determinados, em última instância, por seu ambiente cultural e social.

Devemos destacar que Vygotsky crítica às abordagens puramente ancoradas nos processos corporais, pois esta ignora as qualidades superiores das emoções (característica exclusivamente humana) e também não considera as transformações qualitativas que ocorrem ao longo do desenvolvimento. As suas contribuições permitem reconhecer e compreender todas as funções no desenvolvimento da criança: primeiro no nível social e depois no nível individual e também compreender as emoções e sentimentos, pois pressupõe que são as práticas socioculturais que determinam os conhecimentos e sentimentos apropriados pela criança.

Defende que as emoções não deixam de existir, mas evoluem para o universo do simbólico, entrelaçando-se com os processos cognitivos. Vygotsky assume o seu caráter social e tem uma abordagem de desenvolvimento, demonstrando que as manifestações emocionais, portanto de caráter orgânico, vão ganhando complexidade, passando a atuar no universo do simbólico. Dessa maneira, ampliam-se as formas de manifestações, constituindo os fenômenos de afetividade.

Da mesma forma, TASSONI (2008) defende a íntima relação que há entre o ambiente cultural e social e os processos afetivos e cognitivos, além de afirmar que ambos inter-relacionam e influenciam-se mutuamente. Vygotsky destaca a importância do "outro". Para ele, o papel do outro é fundamental na aquisição do conhecimento por parte dos alunos, pois existem atividades que as crianças não conseguem realizar sozinhas necessitando, no início, da ajuda do outro.

Com base numa perspectiva fundamentalmente social, a partir de Vygotsky, defende-se que a afetividade que se manifesta na relação professor-aluno constitui-se elemento inseparável do processo de construção do conhecimento. Além disso, a qualidade da interação pedagógica vai conferir um sentido afetivo para o objeto de conhecimento, a partir das experiências vividas.

Com uma maior divulgação das ideias de Vygotsky, vem se configurando uma visão essencialmente social para o processo de aprendizagem. Numa perspectiva histórico-cultural, o enfoque está nas relações sociais. É através da interação com os outros que a criança incorpora os instrumentos culturais. Ao destacar a importância das relações sociais, traz a ideia da mediação e da internalização como aspectos fundamentais para a aprendizagem, defendendo que a construção do conhecimento ocorre a partir de um intenso processo de interação entre as pessoas.

Portanto, é a partir de sua inserção na cultura que a criança, através da sua interação social com as pessoas que a rodeiam, vai se desenvolvendo. Apropriando-se das práticas culturalmente estabelecidas, ela vai evoluindo das formas elementares de pensamento para as formas mais abstratas, que a ajudarão a conhecer e controlar a realidade. Nesse sentido, Vygotsky destaca a importância do outro não só no processo de construção de conhecimento, mas também de constituição do próprio sujeito e de suas formas de agir.

O aprendizado, para Vygotsky, é o objetivo do processo escolar e a intervenção é um processo pedagógico privilegiado. Essa intervenção se dá de várias formas: mostrar, fazer junto, fazer por, apontar, criticar, apoiar, etc. Todas são formas de mediação e, nesse processo, a interação entre professor e alunos é fundamental para o desenvolvimento dos indivíduos envolvidos.

Para Vygotsky não se pode separar o afetivo do cognitivo, e que um dos grandes problemas da psicologia tradicional é a ruptura entre o intelecto e o afeto, uma vez que o pensamento vem do que ele chama de esfera de motivação, que corresponde às necessidades, interesses afetos, emoção, etc. Nesta esfera, encontra-se a razão do pensamento e, assim, uma compreensão detalhada do pensamento humano só é possível através da compreensão da base afetivo-volitiva.

4. A socialização infantil e o desenvolvimento saudável

A socialização é o processo contínuo que se inicia pela "imitação" e continua por toda a vida por meio da comunicação verbal e não verbal, em que a pessoa se torna parte de uma comunidade, assimilando hábitos e a cultura que lhe é própria.

Segundo BORSA (2007) um dos objetivos mais importantes do processo de socialização é que as crianças aprendam o que é considerado correto em seu meio e o que se julga incorreto; ou seja, que possam alcançar um nível elevado de conhecimento dos valores morais que regem sua sociedade e se comporte de acordo com eles. Este processo contínuo seria conseguido através da construção e interiorização dos valores.

É na primeira relação com a figura materna ou com um cuidador substituto que o bebê vai estabelecer o senso de confiança básica no ambiente que o cerca. O bebê que recebe afeto, amor e é atendido em suas necessidades primordiais com segurança vai desenvolver um sentimento de confiança no ambiente. A mãe que consegue identificar as necessidades e posteriormente os estados afetivos do bebê ajuda-o a ir reconhecendo as suas próprias sensações, impulsos e desejos. Ao longo do desenvolvimento, e sendo uma criança normal, ela provavelmente terá mais condições de compreender e ser empática em relação ao meio externo.

Podemos dizer que a empatia é a resposta afetiva apropriada à situação de outra pessoa. Na psicologia e nas neurociências contemporâneas a empatia seria uma espécie de "inteligência emocional" e pode ser dividida em dois tipos: a cognitiva - relacionada à capacidade de compreender a perspectiva psicológica das outras pessoas; e a afetiva - relacionada à habilidade de experimentar reações emocionais por meio da observação da experiência alheia. A criança não nasce com esta habilidade, e por esta razão precisa de ajuda das figuras parentais e do ambiente que a cerca para ir desenvolvendo

O estabelecimento de limites precisos é fundamental para o desenvolvimento social, pois ajuda o indivíduo a perceber até onde pode ir e agir sem prejudicar e comprometer o espaço do outro. Entretanto, a criança também necessita de uma boa dose de autonomia para explorar o ambiente e se desenvolver como pessoa que tem vontade e escolhas próprias, se sentindo aceita em todos os aspectos de sua personalidade. Os pais e professores devem ter sensibilidade para oferecer espaço para que a criança possa exercitar sua autonomia e liberdade de expressão, mas ao mesmo tempo oferecer limites e contenção externa. O equilíbrio entre a contenção e autonomia dará segurança e a norteará a criança até onde prosseguir com suas iniciativas.

5. Mediações pedagógicas e o uso da tecnologia

O uso das tecnologias se tornou indispensável para todo o processo pedagógico, porém para BEIRA e NAKAMOTO (2016) pode-se dizer que a grande maioria dos professores em formação e em exercício, ainda não recebeu capacitação para o uso das tecnologias em sua prática pedagógica e precisa recorrer a um tipo de formação que os capacite a integrá-las no processo de ensino-aprendizagem, de forma a promover a melhoria da educação formal.

Diante desse quadro PEREIRA e BARROS (2020) nos revelam que não adianta informatizar as escolas, sem que haja esforços no sentido de capacitar os professores para o uso em sala de aula com perspectivas de mudanças na prática educativa.

Esse quadro nos remete a uma pergunta. É válido o uso das tecnologias, para o desenvolvimento pedagógico? Lembrando que devemos ponderar o uso equilibrando para evitar a sua dependência e para poder sobreviver sem elas, gerando também conectividade com a tecnologia orgânica do ser, desenvolvendo assim as chamadas inteligências emocionais e espirituais.

Entender quais ferramentas e equipamentos utilizar e saber direcionar as atividades para a questão do aprender, explorando recursos tecnológicos ainda em desenvolvimentos podem levar a dois caminhos notórios: No primeiro caminho os envolvidos no processo ficam desorientados com relação à direção proposta devido às diversas falhas humanas e mecânicas que podem ocorrer. No segundo caminho devido a habilidades e conhecimentos os envolvidos passam a desenvolver em colaboração as possíveis soluções para as mais diversas proposituras que surjam diante o processo.

O professor é formado para valorizar conteúdos e ensinamentos acima de tudo, privilegiar a técnica da aula expositiva para transmitir esses ensinamentos que com o apoio tecnológico, do lúdico, do acolhimento, e principalmente da dedicação docente podem fazer toda a diferença diante do processo ensino-aprendizagem. Desse modo o aluno assume o papel de aprendiz ativo e participante, e não mais repetidor, tornando-se sujeito das ações que levam a aprender e a mudar seu comportamento.

O professor em sua mediação pedagógica do processo de ensino-aprendizagem deve ser observador ao objetivo de sua aula, ao cooperativismo e o colaborativismo do trabalho em equipe por parte do aluno. Todos os processos são coletivos, mesmo do ponto de vista do desenvolvimento individual, uma vez que todo indivíduo é um ser social que interage com o meio a partir de suas referências culturais, sócio econômico. O processo de aprendizagem abrange o desenvolvimento de competências, atitudes e pode-se deduzir que a tecnologia a ser usada deverá ser variada e adequada a esses objetivos para possibilitar aos alunos a interação entre eles, a pesquisa, o debate, e o diálogo que promovam a produção do conhecimento, trazendo para o espaço pedagógico, junto com o apoio tecnológico recursos e fontes para desenvolver tal conhecimento.

6. Dificuldade de aprendizado e socialização dos alunos no primeiro ano escolar

Hoje são muito discutidos no meio acadêmico as dificuldades de aprendizagem e o papel que a socialização entre as crianças dos anos iniciais do ensino fundamental desempenham no processo de ensino-aprendizagem.

Porém devemos nos perguntar. O que são considerados dificuldades de aprendizagem e como podemos identificar um aluno que apresenta tais dificuldades?

Sabemos que a aprendizagem é um processo contínuo e que depende de vários fatores, entre os quais podemos citar: a memória, atenção, pensamento e a linguagem e que a soma desses fatores é que irão levar o aluno a uma aprendizagem satisfatória.

Por outro lado, a ausência de algum deles pode interferir nesse processo, causando uma dificuldade de aprendizagem. Dificuldades com leituras, escritas, cálculos são algumas das dificuldades mais encontradas no ambiente escolar.

É nesse momento que a conduta do professor é imprescindível para superação dessas dificuldades, pois envolve os aspectos teóricos, metodológicos e práticos do mesmo.

A aprendizagem é uma das metas principais que o professor deve ter em sua conduta diária com os alunos, ou seja, é através da sua aula, seus exercícios dentre outras metodologias, que o docente deve levar o mesmo a um conhecimento mais amplo sobre um determinado conteúdo.

Ao discutirmos as dificuldades de aprendizagem, percebemos que não existe uma conceituação específica e pronta para tal tema, mas que diante de muitos estudos no âmbito geral são situações que impedem o indivíduo de aprender em virtude de termos fisiológicos por questões neurológicas; socioambientais que envolvam o sistema educacional e familiar e desenvolvimentista afetando o desenvolvimento. O próprio termo dificuldade de aprendizagem aborda inúmeras definições já que é um processo pelo qual irá depender da forma de aprendizagem de cada aluno e que tipo de dificuldade ele apresenta, necessitando assim de um diagnóstico preciso e coerente, tendo em vista que ainda se trabalha a ideia de que o indivíduo que não acompanha o processo escolar como os outros está fadado ao fracasso escolar, diagnóstico este amplamente efusivo e sem contextualização.

Na lista seguinte seguem alguns dos problemas encontrados nas escolas e que são conhecidos como distúrbios da aprendizagem.

Dislexia é a dificuldade que aparece na leitura, impedindo o aluno de ser fluente, pois faz trocas ou omissões de letras, inverte sílabas, apresenta leitura lenta, dá pulos de linhas ao ler um texto, etc. Estudiosos, como por exemplo, TELES (2004) afirmam que a dislexia é talvez a causa mais frequente de baixo rendimento e insucesso escolar. Na grande maioria dos casos não é identificada, nem corretamente tratada.

Disgrafia é normalmente vem associada à dislexia, porque se o aluno faz trocas e inversões de letras, conseqüentemente encontra dificuldade na escrita. Além disso, está associada a letras mal traçadas e ilegíveis, letras muito próximas e desorganização espacial e de raciocínio ao produzir um texto. Para CALDEIRA e CUMIOTTO (2004) a disgrafia requerem um atendimento profissional mais adequado, capaz de auxiliar tanto o professor como o aluno, uma vez que a inflexibilidade através de tarefas ou avaliações e a utilização de materiais e métodos inapropriados geram as humilhações e o fracasso escolar.

Disortografia é a dificuldade na linguagem escrita e também pode aparecer como consequência da dislexia. Segundo AFONSO (2010) suas principais características são a troca de grafemas, a desmotivação para escrever, a aglutinação ou separação indevida das palavras, falta de percepção e compreensão dos sinais de pontuação e acentuação.

Discalculia, segundo BERNARDI (2006) é a dificuldade para cálculos e números, de um modo geral os portadores não identificam os sinais das quatro operações e não sabem usá-los, não entendem enunciados de problemas, não conseguem quantificar ou fazer comparações, não entendem sequências lógicas. Esse problema é um dos mais sérios, porém ainda pouco conhecido.

Dislalia é a dificuldade na emissão da fala, apresenta pronúncia inadequada das palavras, com trocas de fonemas e sons errados, tornando-as confusas. Para EBERHART e CAUDURO (2013) manifesta-se mais em pessoas com problemas no palato, flacidez na língua ou lábio leporino.

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é um problema de ordem neurológica, que traz consigo sinais evidentes de inquietude, desatenção, falta de concentração e impulsividade. Porém, segundo GRAEFF e VAZ (2008) hoje em dia é muito comum vermos crianças e adolescentes sendo rotulados com este transtorno, porque apresentam alguma agitação, nervosismo e inquietação, fatores que podem advir de causas emocionais. É importante que esse diagnóstico seja feito por um médico e outros profissionais capacitados.

Transtorno do espectro autista é um distúrbio complexo e geneticamente heterogêneo, o que sempre dificultou a sua identificação em cada paciente e por consequência, o aconselhamento genético das famílias. Segundo GRIESI-OLIVEIRA e SERTIÉ (2017) os sintomas podem variar dos muitos leves aos muito severos com comprometimentos na socialização.

Na área da comunicação os prejuízos incluem atraso ou ausência da fala. Crianças autistas podem verbalizar, mas não utilizar a fala para se comunicar.

7. Situação / Problema

Como socializar crianças que vivem em diferentes ambientes e incluir os diferentes problemas que cada uma traz dentro do ambiente escolar e incluir crianças com deficiências nesse contexto?

Entrevistamos alguns profissionais dos CEIs do Estado de São Paulo, entre eles a pedagoga Vanessa Braga, a auxiliar Verônica Cruz e a psicóloga Camila Bastos.

Diante de alguns questionamentos, obtivemos relatos sobre a responsabilidade passada à escola pelos pais de alguns alunos.

A Instituição, na visão deles, não tem a obrigação de encaminhar seus filhos pelos caminhos acadêmicos, das aprendizagens necessárias. Ela passa a ser única e exclusivamente voltada para “cuidar” de seus filhos enquanto se ocupam de seus afazeres diários.

O corpo docente da escola lida com as dificuldades em terem a confiança dos pais no início das aulas, ou seja, a pedagoga nos disse que, nos primeiros três dias, a criança se comporta de forma chorosa e os responsáveis são extremamente protetores.

Passado o período de adaptação da criança, alguns pais deixam de participar das reuniões e de alguma situação que se apresente no decorrer do ano letivo. Muitas vezes a direção intervém para conseguir um diálogo entre os pais e professores sobre a vida estudantil da criança.

Na educação infantil, a maior problemática é a fase do egoísmo, momento em que a criança tem dificuldade de se socializar.

Neste contexto de socialização, as crianças são muito sinceras e sinalizam quando alguma criança não tem muita assepsia. Elas ainda não possuem um critério de julgamento e empatia e diante disto a professora usa de dinâmicas de rotina de partilha e diálogo na tentativa de combater a não socialização.

Os pais, por terem atribuições com trabalho e outros deveres, não fazem questão de participar da vida estudantil dos seus filhos e quando a escola lhes transmite algum problema de cunho educacional ou de fator humano, terminam por se omitir, se bastando apenas na questão da vaga obtida na escola como se apenas isso fosse a missão do responsável legal.

Relataram também sobre os alunos que possuem dificuldade de concentração, o que cobra da professora uma metodologia com atividades lúdicas, coloridas e concretas.

8. Justificativa

É natural que os pais deleguem algumas funções educativas à escola, porém cabe aos pais acompanhar o desenvolvimento e a evolução de seus filhos como pessoa.

O Estatuto da Criança e do Adolescente discorre em seu artigo 19 que toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio da sua família. Partindo do princípio que os pais são os principais educadores de seus filhos, pois existe uma relação natural entre paternidade e educação. A paternidade consiste em transmitir a vida a um novo ser. A educação é ajudar a cada filho a crescer como pessoa, o que implica em proporcionar-lhes meios para adquirir e desenvolver as virtudes, tais como a sinceridade, a generosidade, a obediência, dentre muitas outras.

A família e a escola são instituições responsáveis por preparar o indivíduo para atuar na sociedade, portanto é essencial para o crescimento da pessoa que ambos atuem juntos. Podemos afirmar que é fundamental a participação dos pais no cotidiano escolar. O papel da escola encontra-se alicerçado nas questões relacionais, sociais, nas capacidades cognitivas, na habilidade de lidar com o novo. Por isso, compete à escola tornar o indivíduo um cidadão capaz de exercer a sua cidadania, bem como reconhecer seus direitos e deveres.

Se a família tem ou pelo menos deveria ter um papel mais participativo com os alunos, por outro lado o professor precisa ter um bom preparo profissional e ser muito aberto a novas metodologias de ensino diante dos alunos que sofrem: problemas de adaptação, de socialização e até mesmo dificuldade de concentração, interferindo no aprendizado.

Pela proximidade e rotina com os alunos, o professor se torna o mediador não só do ensino, mas auxilia na descoberta de problemas de saúde. No caso da falta de concentração de 6 a 10% das crianças apresentam o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Ele pode acarretar sérios prejuízos no rendimento escolar e na capacidade de se apropriar da aprendizagem adequada da leitura, escrita e matemática. Neste caso a escola deve participar do processo terapêutico formulando práticas e caminhos que facilite a absorção de conteúdos e a desenvoltura nas avaliações.

Em suma, o aluno é o indivíduo que recebe formação e instrução de um ou de vários professores para adquirir ou ampliar seus conhecimentos.

Acreditamos que a escola hoje, mais do que em qualquer outro tempo, é um espaço onde se constroem relações humanas, portanto, deve voltar-se para a qualidade das suas relações, valorizando o desenvolvimento afetivo, social e não apenas cognitivos como elementos fundamentais no desenvolvimento da criança como um todo. Na psicologia encontramos luzes que podem nos nortear neste caminho.

9. Como agir nas Dificuldades

As modalidades de aprendizagem que interferem neste processo dizem respeito não exclusivamente ao aluno, mas também aos professores, pais, psicopedagogo. Isso nos leva a refletir na nossa própria modalidade de aprendizagem, uma vez que ela poderá construir uma modalidade de ensinamento geradora de outras modalidades de aprendizagem patológicas, ou seja, a nossa modalidade em particular pode estar contribuindo para as dificuldades dos nossos filhos, alunos. Para que a aprendizagem provoque uma efetiva mudança de comportamento e amplie cada vez mais o potencial do educando, é necessário que ele perceba a relação entre o que está aprendendo e a sua vida, ou seja, o sujeito precisa ser capaz de reconhecer as situações em que aplicará o novo conhecimento ou habilidade.

A brincadeira ou o jogo como ferramentas para a aprendizagem de alunos com distúrbios pode ser uma ferramenta importante, pois enquanto a criança ou adolescente brinca ou joga, mobilizam-se esquemas mentais, colocam-se em movimento funções psicomotoras, estimulando o pensamento, neste momento acontecem às aprendizagens, despertando processos internos de desenvolvimento. A atividade lúdica seja ela uma brincadeira ou um jogo pressupõe o estabelecimento de relações e interações sociais. Jogar possibilita a formação de atitudes essenciais ao convívio humano. Os jogos atraem pelo desafio e dificuldade. Tais dificuldades podem ser superadas por meio da ação, ajudando a reformular conhecimentos. Quando se joga várias vezes, faz com que o jogador possa compreender ações e objetivos, a fim de traçar metas e construir/reconstruir habilidades e potencializar aquilo que já aprendeu, seja na família, na escola, ou em outros ambientes sociais. O jogo ou a brincadeira possibilita que o indivíduo concretize o pensamento através da ação. Assim, ele se reconhece e se identifica além de contribuir para a construção da personalidade do sujeito. Através da brincadeira ou do jogo, o desenvolvimento cognitivo é aprimorado.

10. Como ensinar habilidades escolares aos nossos alunos autistas

Precisamos lembrar que o papel do professor é o de propiciar a aprendizagem, lembrando que esta envolve mudanças no comportamento. Portanto, a tarefa do professor é mudar comportamentos. Após refletir sobre o que os alunos devem aprender, o professor poderá utilizar-se de algumas estratégias para tornar esse processo mais divertido e agradável para o aluno. Estamos falando aqui de três adaptações simples e que podem minimizar muito as suas dificuldades em sala de aula. A primeira delas diz respeito à forma do professor se dirigir ao aluno para solicitar tarefas e instruí-lo. A criança ou adolescente com TEA apresenta dificuldades na comunicação verbal e não verbal, tornando-se necessário o emprego de frases simples e diretas para facilitar o seu entendimento. O uso de instruções verbais em excesso e de figuras de linguagem, como as metáforas e ironias, tornam a recepção da informação pouco clara. Vale observar, também, que o professor pode se valer de uma entonação e volume de voz mais acentuada para facilitar o contato, sempre, é claro, pedindo o contato visual e se abaixando na altura em que a criança está para facilitar a interação.

Alguns procedimentos podem auxiliar os professores em seu trabalho inclusivo de alunos com dificuldades no processo de ensino aprendizagem. Entre esses procedimentos devemos destacar o planejamento prévio das atividades para adaptar ou preparar algo diferenciado de preferência com o mesmo tema abordado com os demais. Levar sempre em consideração a condição cognitiva de seu aluno. O professor pode também utilizar-se de apoio visual, pois as imagens podem ser utilizadas na elaboração da rotina, na fragmentação de atividades e na comunicação das crianças não verbais.

Outra dica que pode ser muito útil ao professor é a utilização de uma fala direta, objetiva e positiva, muitas vezes a fragmentação em partes menores favorece a compreensão por parte do aluno.

Para manter a atenção do aluno pode ser interessante o professor escolher um lugar fixo para a criança se acomodar onde ela possa receber atenção e cuidado e de preferência próximo ao professor e longe de janelas e portas.

11. Considerações finais

A falta de informação entre a família e a escola pode ser considerada como um gerador de conflitos entre pais e professores. A criança ou adolescente de inclusão pode não conseguir expressar em palavras os eventos do dia e o porquê de seus atos. Portanto é fundamental o constante diálogo entre a escola e a família estabelecendo uma boa comunicação entre pais e professores.

As reuniões escolares são fundamentais para que a escola e a família tratem dos aspectos rotineiros e também de coisas mais específicas sobre cada um dos alunos. Essa comunicação pode ser facilitada com a utilização, por exemplo, de um diário de comunicação entre professores e pais, com o objetivo de informar alterações domésticas, tais como, de sono, medicação e alimentação e, ainda, fornecer informação da escola para casa, como a presença de professor substituto, mudança de rotina ou a simples necessidade de enviar mais fraldas.

Muitas vezes os professores são os que identificam as mudanças de comportamento das crianças e os possíveis distúrbios de aprendizagem, porém não possuem formação específica para fazer tais diagnósticos, que devem ser feitos por médicos, psicólogos e psicopedagogos. Mesmo que o professor possua formação adequada o mesmo deverá encaminhar o aluno para uma avaliação com outro profissional especializado para que se possa emitir um diagnóstico. Por outro lado, com ou sem diagnóstico, o papel do professor continua sendo importante para a formação do aluno.

Nesse caso o professor deverá observar e auxiliar o processo de aprendizagem, tornando as aulas mais motivadas e dinâmicas, não rotulando o aluno, e sim proporcionando a oportunidade de descobrir suas potencialidades.

12. Referências

- AFONSO, Maria de Lurdes Peixoto. **Disortografia: compreender para intervir**. 2010. Tese de Doutorado.
- ARNOLD, M.. **Técnicas eficazes de comunicação para a educação infantil**. São Paulo : Cengage Learning, 2012.
- BEIRA, Diovane; NAKAMOTO, Paula. A Formação docente inicial e continuada prepara os Professores para o Uso das Tecnologias de Informação
- BERNARDI, Jussara. **Alunos com discalculia: o resgate da auto-estima e da auto-imagem através do lúdico**. 2006. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- BORSA, J.C. O papel da escola no processo de socialização infantil. <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0351.pdf>. Rio Grande do Sul, 2007.
- CALDEIRA, Elisabeth; CUMIOTTO, M. L. O. **Dislexia e disgrafia: dificuldades na linguagem**. Rev Psicopedagogia, v. 21, n. 65, p. 127-34, 2004.
- DANTAS, Heloysa. **A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon**. LA TAILLE, Y de; OLIVERIA, MK de; DANTAS, H. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias em discussão. São Paulo: Summus, p. 85-100, 1992.
- DE SOUSA SOARES, Ademilson. **Educação infantil e pesquisa acadêmica: dilemas visíveis e invisíveis**. Revista de Educação Popular, v. 15, n. 2, p. 49-63, 2016.
- EBERHART, Daiane; CAUDURO, Maria Teresa. **Aspectos relevantes para trabalhar com o transtorno da dislalia**. Educação física e a pedagogia... Um encontro possível, 2013.
- GRAEFF, Rodrigo Linck; VAZ, Cícero E. **Avaliação e diagnóstico do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH)**. Psicologia USP, v. 19, n. 3, p. 341-361, 2008.
- GALVÃO, Izabel. **O papel das emoções e da motricidade expressiva nas interações sociais no meio escolar**. São Paulo, SP: USP, 1998.
- GRIESI-OLIVEIRA, Karina; SERTIÉ, Andréa Laurato. **Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético**. Einstein (São Paulo), v. 15, n. 2, p. 233-238, 2017.

LEITE, Hilusca Alves. **A atenção na constituição do desenvolvimento humano: contribuições da psicologia histórico-cultural**. 2015. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MACEDO, Lino; BRESSAN, R. A.. **Desafios da aprendizagem**: Como as neurociências podem ajudar pais e professores. Campinas, SP: Papirus, 2017.

MACEDO, Fernanda Age; ALENCAR, Gizeli Aparecida R. de; BACARO, Paula Edicléia F. **A importância do lúdico no processo de alfabetização no primeiro ano do ensino de nove anos**. Universidade Estadual de Maringá–PR, 2010.

PEREIRA, Marcio Donizeti; BARROS, Edjane Angelo. **A educação e a escola em tempos de Corona Vírus**. Scientia Vitae, v.9, n.28, p. 1-7, abr. /jun. 2020.

TASSONI, Elvira Cristina Martins et al. **A dinâmica interativa na sala de aula: as manifestações afetivas no processo de escolarização**. 2008.

TELES, Paula. **Dislexia: como identificar? Como intervir?**. Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar, v. 20, n. 6, p. 713-30, 2004.